



A crise hídrica e os pequenos negócios

Por Ana Cláudia Arruda

É auspicioso registrar que, embora tendo ainda muito o que fazer, o semiárido nordestino hoje apresenta melhores condições de vida do que no passado recente. As populações vêm obtendo melhores padrões de atividade e convivência produtiva em função de uma série de transformações que apontam caminhos alternativos de enfrentamento deste histórico e difícil problema, com destaque para os seguintes fatores positivos: o crescimento das economias urbanas e do índice de urbanização; bolsa família, a aposentadoria do trabalhador rural e do idoso sem meio de subsistência provenientes da Constituição de 1988; os aumentos reais de salário mínimo; a difusão do crédito, inclusive consignado; a construção de grandes projetos de infraestrutura; o estímulo à produção de energias alternativas; a expansão do ensino fundamental, médio e superior (público e privado) e escolas técnicas profissionalizantes, entre outras medidas transformadoras.

A urbanização ocorrida em grande parte das cidades do semiárido do Nordeste vem atraindo uma série de atividades produtivas antes existentes apenas em grandes centros urbanos, a exemplo dos serviços públicos municipais, shoppings centers, restaurantes, serviços médicos especializados, entre outras atividades.

Pesquisa recente e inédita desenvolvida pelo SEBRAE em parceria com a FIPE/USP procurando analisar os efeitos da "crise hídrica" que assola grande parte das regiões do país confirma a hipótese acima apresentada de que há, no Brasil, e sobretudo no semiárido nordestino, melhores condições de vida e de convivência produtiva com a seca. Diferentemente do que se esperava, a

crise hídrica não atingiu os pequenos negócios em proporções desastrosas e insuperáveis. Segundo a média nacional, apenas 10% das empresas afirmam ter tido algum problema de água em 2015. A região Nordeste, como esperado, é a que apresenta a maior proporção de empresas atingidas (17%), seguida pelo Sudeste (11%), Centro-Oeste (6%), Norte (6%) e Sul (5%). Na região Nordeste, os estados mais afetados foram: PB (26%), PE (26%), AL (19%), BA (17%), RN (14%), CE (14%) e MA (13%), conforme se pode observar no quadro a seguir: Brasil - Microempresas atingidas por UF

O estudo foi desenvolvido no primeiro semestre de 2015. As entrevistas ocorreram entre 6 e 30 de abril de 2015. Participaram desta pesquisa inédita 5.378 empresas. A pesquisa de sondagem sobre a crise hídrica faz parte de tema incluído no mês de maio de 2015 no ICPN- Índice de Confiança dos Pequenos Negócios, pesquisa mensal desenvolvida pelo SEBRAE com a FIPE/USP. A pesquisa abrange amostra de 5,6 mil empreendimentos de todos os setores – Indústria, Comércio, Serviços e Construção Civil, entre microempreendedores individuais, microempresas (que faturam entre R\$ 60 mil e R\$ 360 mil por ano) e negócios de pequeno porte (com faturamento bruto anual entre R\$ 360 mil e R\$ 3,6 milhões).

		Sim	Não	Total	Ranking Nacional	Respondentes
Nordeste	PB	26%	74%	100%	1º	162
	PE	26%	74%	100%	2º	165
	AL	19%	81%	100%	3º	175
	BA	17%	83%	100%	4º	182
	RN	14%	86%	100%	5º	216
	CE	14%	86%	100%	6º	162
	MA	13%	87%	100%	7º	181
	SE	10%	90%	100%	13º	225
	PI	7%	93%	100%	16º	205
Sudeste	SP	12%	88%	100%	8º	399
	RJ	10%	90%	100%	11º	210
	ES	10%	90%	100%	12º	174
	MG	8%	92%	100%	15º	173
Centro-Oeste	DF	11%	89%	100%	10º	166
	GO	7%	93%	100%	18º	162
	MT	4%	96%	100%	24º	199
	MS	2%	98%	100%	27º	193
Norte	AP	12%	88%	100%	9º	198
	AM	9%	91%	100%	14º	182
	RR	7%	93%	100%	17º	192
	PA	6%	94%	100%	19º	218
	AC	4%	96%	100%	23º	175
	TO	4%	96%	100%	25º	213
	RO	3%	97%	100%	26º	223
Sul	SC	5%	95%	100%	20º	206
	RS	5%	95%	100%	21º	215
	PR	5%	95%	100%	22º	207
TOTAL BRASIL		10%	90%	100%		5.378

Foto: Sebrae

Quando se analisa o porte das empresas atingidas observa-se que as mais afetadas foram: os MEIs (13%), seguidas pelas EPPs (9%) e pelas MEs (8%). Uma das razões dos MEIs terem sido o setor mais afetado é

facto de que grande parte desses empreendimentos estão localizados nos domicílios, o que os torna fortemente dependentes do insumo água. Quando perguntadas sobre o prejuízo com

relação ao abastecimento de água, 90% afirmaram não terem sido atingidas. Do ponto de vista setorial, a atividade mais afetada apontada na pesquisa foi a construção civil (12%), seguida pelo setor de serviços (11%), comércio (10%) e indústria (8%), conforme gráfico a seguir:



Foto: Sebrae

Na construção civil, o fato de ter como característica o deslocamento das atividades a cada canteiro de obras, leva, necessariamente, a um maior grau dependência em relação aos demais setores econômicos.

No caso do estado de Pernambuco, nos anos de 2011, 2012 e 2013, o semiárido enfrentou uma das maiores secas dos últimos 50 anos. No ano de 2012, ocorreu a redução de até 80% das chuvas em relação à média. Em 2013, a maior parte do semiárido teve redução de até 60% nas precipitações e, em 2014, metade do estado de Pernambuco teve redução de chuvas em até 60% da média histórica. Em 1999, boa parte da cidade do Recife chegou a ter água nas torneiras apenas um dia a cada dez.

A barragem de Pirapama, na RMR, melhorou muito as condições de abastecimento do Recife e da RMR. Como 50% dos pequenos negócios encontram-se na RMR, região esta abastecida pela referida barragem, os resultados da pesquisa, até certo ponto, refletem o resultado desses projetos de infraestrutura hídrica implantados mais recentemente.

No Agreste, entretanto, de acordo com especialistas, o problema continua e a principal solução virá do Rio São Francisco, através da adutora do agreste, em fase ainda inicial de implantação, que abastecerá cerca de 56 municípios dessa região.

Por fim, o que se observa é o fato de que embora a pesquisa do SEBRAE-FIPE afirme que 74% dos pequenos negócios do estado de Pernambuco não foram atingidos, impõe-se registrar que regiões de alta densidade empresarial de pequenos negócios, a exemplo do polo de confecções do agreste pernambucano, embora sejam resistentes à ausência do insumo água, já começam a apresentar os primeiros resultados negativos na produção e vendas de produtos têxteis.

Comentários para a imprensa sobre este Boletim podem ser feito pelos telefones:
 Ana Cláudia Arruda, gestora do Observatório Sebrae/PE
 Telefones 81-2101 8463 e 81-999632595.

